

Características morfofonêmicas, morfossintáticas e léxico-semânticas da zoonímia e da fitonímia em Maxakalí

Carlo Sandro de Oliveira Campos¹

Resumo

Este artigo descreve os principais mecanismos linguísticos utilizados na língua Maxakalí para a nomeação e categorização de espécies da fauna e da flora conhecidas pelos falantes dessa língua. Na análise foram considerados aspectos morfofonêmicos, morfossintáticos e léxico-semânticos da zoonímia e da fitonímia da língua que se mostram produtivos para a formação do léxico etnozoológico e etnobotânico do Maxakalí. A análise e consequente descrição desses mecanismos além de contribuir para a descrição e documentação da língua e do conhecimento etnobiológico do povo Maxakalí, poderá ser útil para uma melhor descrição do mecanismo de formação de palavras e dos sistemas de classificação de espécies das línguas pertencentes ao Tronco Macro-Jê e da família Maxakalí.

Palavras-chave: Maxakalí. Zoofitonímia. Morfofonêmica. Morfossintaxe. Léxico-semântica.

Abstract

This paper aims at describing the main linguistic mechanisms used in the Maxakalí language to name and categorize the species of animals and plants known by the native speakers of Maxakalí. In the analysis were considered morphophonemic, morphosyntactic and lexico-semantic aspects of animal and plant names of the language that are productive to the ethnozoological and ethnobotanic lexicon of the language. The analysis and consequent description of these mechanisms besides contributing to the description and documentation of the language and of the ethnobiological knowledge of the Maxakalí people, will be useful for a better description of the mechanism of word formation of the languages of the Maxakalí family and also those of the Macro-Jê branch.

Keywords: Animal names. Plant names. Morphophonemics. Morphosyntax. Lexico-semantics.

Introdução

O conhecimento dos recursos linguísticos usados para a nomeação da fauna e da flora pelos Maxakalí constitui uma importante ferramenta para o conhecimento da língua e da cultura dos Maxakalí. Esses índios eram

¹ UFMG, FAPEMIG, processo nº SHA-BPD-00115-11.

habitantes nômades de uma extensa cobertura de Mata Atlântica que existia sobre a região hoje localizada entre o sul da Bahia, e nordeste de Minas Gerais e do Espírito Santo. Após a colonização da região e consequente destruição das matas, os Maxakalí se viram cercados por cidades e fazendas e foram compelidos a se agrupar em uma pequena área de floresta no Vale do Mucuri. O contato cada vez mais frequente com não índios e a demanda contínua por madeira, alimentação e bens de consumo fez com que os Maxakalí esgotassem seus recursos naturais e cedessem aos não índios parte de suas terras remanescentes.

Em decorrência de disputas internas que ocorreram recentemente, os Maxakalí vivem atualmente em três áreas separadas que são, em diferentes graus, desprovidas dos recursos naturais de que os Maxakalí dispunham quando viviam livremente nas formações de Mata Atlântica entre a Bahia e o nordeste de Minas Gerais. Apesar do exílio definitivo do seu ambiente tradicional, os descendentes atuais dos grupos Maxakalí que habitavam a Mata Atlântica mostram ainda hoje uma estreita relação com os habitantes da floresta, refletida nas histórias que os mais velhos contam, nos rituais, e também no conhecimento de animais e plantas que, em geral, principalmente os mais velhos detêm.

A zoofitonímia Maxakalí reflete, portanto, o contato estreito que os grupos Maxakalí mantiveram durante séculos com a floresta atlântica e, consequentemente, o conhecimento adquirido com esse contato. O contato cada vez mais intenso com a população branca (neobrasileiros) circundante, a adoção progressiva dos hábitos de vida brasileiros e a consequente valorização do português nas aldeias² ameaça a manutenção do conhecimento linguístico relativo à fauna e à flora silvestre, o que torna premente a necessidade de descrição do conhecimento etnobiológico desse povo e justifica a análise apresentada neste artigo.

Este texto está organizado da seguinte forma: na seção 1 são apresentadas as principais características morfossintáticas e morfofonêmicas da nomeação da fauna e da flora na língua Maxakalí, a saber, formação monomorfêmica, concatenação de morfemas opacos, flexão, derivação, composição e alternância entre formas longas e curtas de certos nomes; na seção 2 trato das características semânticas da nomeação, entre elas os tipos de classificadores identificados na língua, a classificação de nomes como opacos, semitransparentes e transparentes e os tipos de nomeação; na seção 3 faço as considerações finais.

2 O português tem gozado de muito prestígio nas aldeias, a ponto de as escolas Maxakalí oferecerem aulas de português para adultos. Esse prestígio crescente do português está provavelmente relacionado à facilidade de acesso a bens de consumo e assistência em geral que o domínio dessa língua proporciona aos seus falantes.

1. Características morfofonêmicas e morfossintáticas da nomeação em Maxakalí

Do ponto de vista morfofonético, a nomeação de seres da fauna e da flora obedece quatro tipos de formação distintos em Maxakalí, a saber:

- 1) formação monomorfêmica;
- 2) concatenação não composicional de morfemas;
- 3) flexão e derivação;
- 4) composição.

Descrevo a seguir cada um dos quatro tipos de formação que puderam ser observados na língua Maxakalí, assim como os processos morfofonêmicos neles presentes.

1.1 Formação monomorfêmica

Neste tipo de formação incluem-se os nomes constituídos por apenas um morfema. Em Maxakalí, nomes com essa característica podem ser mono- ou dissilábicos. Nomes monossilábicos têm ocorrência tão restrita na língua que apenas dois zoônimos monossilábicos puderam ser identificados³: *kut* ‘piolho’ e *xũg*⁴ ‘pulga’:

QUADRO 1: Nomes monossilábicos

Zoônimos			
Nº	Maxakalí	Táxon	Português
1	<i>kut</i>	<i>Phthiraptera</i>	‘piolho’ ⁵
2	<i>xũg</i>	<i>Siphonaptera</i>	‘pulga’, ‘bicho-de-pé’

Os nomes acima são inalienáveis e, como tais, devem, como ocorre com outros nomes inalienáveis em Maxakalí, ser obrigatoriamente prefixados por

3 Além desses dois, foram identificados também *hi* ‘alburno’ e *kup* ‘tronco’/‘pé de’, que igualmente a *kut* e *xũg* exigem prefixos pessoais quando ocorrem isolados. Tais nomes, entretanto, não são propriamente fitônimos, mas dizem respeito à morfologia vegetal. Na língua Maxakalí há outros nomes monomorfêmicos, mas por não serem relacionados à fauna ou à flora não serão considerados neste trabalho.

4 Os nomes Maxakalí neste estudo são transcritos ortograficamente de acordo com a ortografia empregada atualmente pelos Maxakalí. Para uma breve introdução a essa ortografia, vide Campos (2009:59).

5 Apesar de ser traduzido como “piolho”, o lexema *kut* designa uma variedade de seres que nada têm em comum, como ‘piolho/pulga’, ‘larvas de borboleta’, ‘baratas d’água’, etc.

meio de marcas de pessoa: 'ûg-kut 'meu piolho', 'ã-kut 'teu piolho', 'û-kut 'seu piolho', etc, 'ûg-xûg 'minha pulga', 'ãm-xûg 'tua pulga', 'ûm-xûg 'sua pulga'. Apesar da presença obrigatória de prefixos de pessoa na sua base, tais nomes foram classificados como monomorfêmicos pelo fato de a prefixação variável de alienabilidade ocorrer por meio de morfemas pessoais e por depender de contextos específicos para ocorrer. Embora seja obrigatória quando os nomes ocorrem isoladamente, a prefixação não ocorre em compostos. Por essa razão apenas a base dos nomes monossilábicos foi considerada como o lexema⁶.

Os nomes dissilábicos também são monomorfêmicos quando apresentam o padrão fonotático V_iXV_i ⁷. Nomes com esse padrão apresentam duas vogais idênticas, orais ou nasais, separadas por consoante laringal /h/ (V_ihV_i , *tohx* 'cipó') ou /// ($V_i?V_i$, *xu'uk* 'ovo') e têm como peculiaridade permitir a alternância entre formas plenas ou longas (dissilábicas) e reduzidas (monossilábicas). Normalmente, formas reduzidas ocorrem quando participam de compostos ou se encontram em posição pré-verbal. De modo geral, o padrão V_ihV_i é mais frequente na língua em número de itens que o padrão $V_i?V_i$ (cf. Campos 2009: 256). Na zoo-fitonímia Maxakalí, a diferença na frequência dos dois tipos silábicos também pode ser igualmente observada. O quadro abaixo mostra o número de nomes referentes à fauna e à flora encontrados com o padrão V_iXV_i (V_ihV_i e $V_i?V_i$) e suas formas reduzidas possíveis:

QUADRO 2: Formas plenas e reduzidas de nomes com o padrão V_iXV_i

Nomes com tipo silábico V_ihV_i				
	Forma plena	Forma reduzida	Táxon	Português
1	kehex	kex	<i>Lecythis sp</i>	'sapucaia'
2	kohok	-----	<i>Nicotiana sp</i>	'fumo'
3	kohot	kot	<i>Manihot sp</i>	'mandioca'
4	mãhãm	mãm	<i>Chordata</i>	'peixe'
5	mĩhĩm	mĩm	<i>Spermatophyta</i>	'árvore'
6	nãhãn	nãn	<i>Bixa orellana</i>	'urucum'
7	pohox	pox	<i>Bambusoideae</i>	'espécie de taquara' ⁸
8	tohot	tot	<i>Cucurbitaceae</i>	'abóbora'

6 Dados históricos das línguas da família Maxakalí mostram que nomes monomorfêmicos como *kut* são formas reduzidas oriundas de formas plenas plurissilábicas.

7 A variável X refere-se à consoante, que pode ser a laringal /h/ ou a laringal /ʔ/. Os Vs com *is* subscritos indicam vogais idênticas.

8 A espécie em questão não pôde ser identificada. Os Maxakalí a denominam taquara-lixia e segundo eles é uma espécie já rara na região. Sua taquara é tida por eles como de ótima qualidade para a confecção de flechas.

9	tohox	tox	<i>Plantae</i>	‘cipó’
10	tuhup	tup	<i>Hymenoptera</i>	‘marimbondo’
11	tuhut	tut	<i>Cecropia sp</i>	‘embaúba-vermelha’
Nomes com tipo silábico $V_i?V_i$				
	Forma plena	Forma reduzida	Táxon	Português
1	ku’ut	-----	<i>Tyto sp</i>	‘suindara’
2	mã’ây	-----	<i>Alligatoridae</i>	‘jacaré’
3	po’op	pop	<i>Cebus sp</i>	‘macaco prego’
4	xũ’ũy	-----	<i>Bradypodidae</i>	‘preguiça’
6	xã’ãm	xãm	<i>Gastropoda</i>	‘caramujo’

O quadro 3 mostra os nomes relativos à fauna e à flora que puderam ser identificados com o padrão V_iXV_i . Destes, dezesseis apresentam o tipo V_ihV_i , mas apenas seis apresentam o tipo $V_i?V_i$. A diferença entre os tipos V_ihV_i e $V_i?V_i$ também se faz notar pela possibilidade de alternância entre formas plenas e reduzidas. Enquanto a redução se aplica quase sem restrições aos nomes pertencentes ao tipo V_ihV_i , no tipo $V_i?V_i$ ocorre o contrário, sendo poucos os nomes atingidos. No quadro 3, dos seis nomes identificados com o tipo $V_i?V_i$, apenas dois mostram a possibilidade de redução: *po’op* > *pop* e *xã’ãm* > *xãm*.

Entre os nomes com o padrão V_iXV_i incluem-se alguns que são prefixados. Por essa razão não foram incluídos entre os nomes monomorfêmicos e serão apresentados na próxima seção, que trata da *concatenação não composicional de morfemas*.

1.2 Concatenação não composicional de morfemas

A esse segundo tipo de formação incluem-se nomes que são aparentemente constituídos por mais de um morfema, cujo conteúdo semântico não é, no entanto, composicional ou semanticamente transparente. Por essa razão, tais nomes foram analisados como uma única unidade morfológica não obstante sua clara configuração plurimorfêmica:

QUADRO 3: Concatenação de morfemas opacos

Nº	Maxakalí	Taxa	Português
1	’ã-mep	<i>Couratari asterotricha</i>	‘amendoeira’
2	’ã-mi-tax	<i>Araceae</i>	‘imbé’
3	’ãm-pex	<i>Didelphidae</i>	‘cuíca’

4	'ĩ-xõg	<i>Passeriformes</i>	'passarinho'
5	'õn-yãm	<i>Coendou prehensilis</i>	'ouriço-caxeiro'
6	ã-mã-xux	<i>Tapirus terrestris</i>	'anta'
7	ka-ta-mak	<i>Ficus sp</i>	'figueira, gameleira'
8	kax-ko-yek	<i>Chironius sp</i>	'cobra-cipó'
9	kax-ku-kõy	<i>Psarocolius decumanus</i>	'japu-preto'
10	ka-xõy	<i>Mantidae</i>	'louva-deus'
11	ko-ta-tak	<i>Siluridae</i>	'bagre'
12	ko-tũg	<i>Thraupis sp</i>	'sanhaço'
13	ko-xut	<i>Dazipodidae</i>	'tatu'
14	ko-ye-mok	<i>Caprimulgidae</i>	'curiango'
15	kũ-mũ-yõy	<i>Culicidae</i>	'mosquito'
16	xa-ho'	<i>Didelphus marsupialis</i>	'gambá'
17	xa-nã-mok	<i>Bombus sp</i>	'mamangaba'
18	xa-pup	<i>Sus domesticus</i>	'porco doméstico'

Os nomes acima são claramente compostos por mais de um morfema. Entretanto, por serem tais morfemas semanticamente opacos, os nomes em questão foram analisados como se fossem constituídos de uma única base, apesar da decomposição morfológica sugerida acima.

Entre os nomes deste grupo, incluem-se zoônimos e fitônimos com padrão V_iXV_i , como os vistos na seção 1.1. Diferentemente daqueles, no entanto, os nomes em questão são prefixados por morfemas variados, sendo assim plurimorfêmicos. Tais nomes, como os tratados em 1.1, também apresentam alternância entre formas longas e curtas⁹:

QUADRO 4: Nomes polimorfêmicos com padrão VXV

	Forma plena	Forma reduzida	Táxon/nome
1	'ã-nũ'ũy	-----	'lodo'
2	'ã-pihĩ'	-----	<i>Anhima cornuta</i>
3	kũ-nãhãn	kũ-nãn	<i>Ramphastidae</i>
4	ku-nihit	ku-nit	<i>Orthoptera</i>

9 Como os nomes do padrão V_iXV_i , eles também apresentam formas reduzidas quando participam de compostos e quando ocorrem na posição pré-verbal.

5	kũ-nôhôn	kũ-nôn	<i>Blattaria</i>
6	kũ-nũhũm	kũ-nũm	<i>Nasua nasua</i>
7	ku-tehet	ku-tet	<i>Bambusoideae</i>
8	pu-xõ'õy	pu-xõy	<i>Haplotaxida</i>

Nas próximas seções, tratarei dos principais tipos de formação de zoônimos e fitônimos em Maxakalí, a flexão, a derivação e a composição.

1.3 Flexão e derivação

Tanto a flexão quanto a derivação são processos de formação muito restritos na língua Maxakalí em comparação com a composição, que é de modo geral o recurso mais recorrente de formação de palavras em Maxakalí e por consequência também da zoofitonímia.

A flexão na zoofitonímia Maxakalí ocorre nos nomes para expressar inalienabilidade por meio de prefixos pessoais. Como mostrei na seção 1.1, apenas dois zoônimos foram identificados para ilustrar a flexão, *kut* ‘piolho’ e *xũg* ‘pulga’. A flexão nesses casos expressa concordância com o possuidor.

Com relação à derivação, foram identificados apenas quatro prefixos (*ku-/kuk-*, *ku-*, *kuk-*, *xu*) e seis sufixos (*-ax*, *-’ānet*, *-kata’*, *tak* e *-tap*). Neste estudo, foram consideradas palavras derivadas aquelas formadas por uma *base + afixos*, sendo que por *afixos* foram consideradas as formas presas da língua e como *bases*, as formas livres. Dessa forma, as palavras oriundas de derivação puderam ser diferenciadas das oriundas de composição, que por sua vez são formadas por *base + base*, como mostrarei adiante. A análise dos prefixos foi dificultada porque na maior parte dos casos analisados os nomes que apresentam tais prefixos têm bases não composicionais (opacas), o que impediu que, em alguns casos, todo o item lexical fosse analisado semanticamente:

QUADRO 5: Prefixos

n°	Prefixo	Definição
1	ku-/kuk-	designa água ou rio
2	ku(m)-	designa madeira
3	kuk-	designa pedra
4	xu-	designa proeminência ou movimento em direção a um ponto específico

Seguem no quadro abaixo alguns exemplos que apresentam tais prefixos:

QUADRO 6: Exemplos de nomes com prefixos

ku-/kuk⁻¹⁰				
Etnônimo		Definição	Táxon	Português
a	ku-xakuk	água + porco ¹¹ = porco-d'água	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	‘capivara’
ku-				
Etnônimo		Definição	Táxon	Português
a	ku-toha’	madeira + ?	<i>Pterygota brasiliensis</i>	‘pau-rei’
b	ku-tehet	madeira + ?	<i>Bambusoideae</i>	‘bambu’
c	ku-ta-tak	madeira + fruto + duro	<i>Syagrus romanziofianna</i>	‘jerivá’
d	kum-ãmix	madeira + listrado	<i>Dalbergia miscolobium</i>	‘angico’
kuk-				
Etnônimo		Definição	Táxon	Português
a	kuk-ta’	pedra + fruto = fruto pedra/ fruto semelhante a pedra	Dioscorea	‘inhame’
b	kukta’hax	‘inhame+cheiro’ = inhame de cheiro	Dioscorea	‘cará’
b	kuk-max	pedra + semelhante	<i>Chelonia</i>	‘tartaruga’
xu-				
Etnônimo		Definição	Táxon	Português
a	xu-pa-pox	Provido de focinho + olho (?) + ?	<i>Lontra longicaudis</i>	‘lontra’
b	xu-pa-tex	Provido de focinho + olho (?) + ?	<i>Dasyprocta aguti</i>	‘cotia’
c	xũ ¹² -nĩm	Provido de focinho + ?	<i>Chiroptera</i>	‘morcego’

10 Embora tenha encontrado apenas um exemplo de zoônimo, há na língua outros exemplos de palavras que evidenciam que tal prefixo designa água: *kukpa*’ (posp.) ‘rio abaixo’ e *ku(k)kata*’ ‘rio’ (lit. ‘rio vermelho’). Este último lexema foi identificado também no Pataxó e em outras línguas da família Maxakalí.

11 *xakuk* é um arcaísmo da língua Maxakalí. O termo que designa sincronicamente ‘porco’ é *xapup*. *Xakuk* é usado atualmente apenas em certos cantos rituais, e embora o termo corrente para ‘capivara’, *kuxakuk*, apresente esse morfema, ele não é mais produtivo em Maxakalí.

12 O alomorfe xũ-, com vogal nasalizada, ocorre diante de consoante nasal.

Com relação à sufixação, foram identificados seis sufixos que ocorrem em zoônimos ou fitônimos: o nominalizador *-ax* e os sufixos *-’ãmix* ‘litrado’, *-’ānet* ‘pintado’, *-kata* ‘vermelho’, *tak* ‘duro’ e *-tap* ‘preto’. Embora tenham função adjetival, os seis morfemas não ocorrem como formas livres, sendo por essa razão analisados neste trabalho como sufixos. O quadro a seguir fornece exemplos de cada um dos sufixos encontrados:

QUADRO 7: Exemplos de nomes com sufixos

Etnônimo	Definição	Táxon	Português
<i>kunām-xit-ax</i>	tucano + alimento + nominalizador = comida de tucano	<i>Sterculea sp</i>	‘chichá’
<i>kum-’ãmix</i>	madeira + listrado	<i>Dalbergia miscolobium</i>	‘angico’
<i>xok-’ānet</i>	coisa + listrado = coisa listrada	<i>Panthera onca</i>	‘onça-pintada’
<i>kokex-kata’</i>	cão + vermelho = cachorro vermelho	<i>Chrysocyon brachyurus</i>	‘lobo-guará’
<i>ku-ta-tak</i>	madeira + fruto + duro	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	‘jerivá’
<i>xok-tap</i>	coisa + preto = coisa preta	<i>Panthera onca</i>	‘onça-preta’

Na próxima subseção, tratarei da composição.

1.5 Composição

Diferentemente da flexão e da sufixação, é a composição que produz a maioria dos nomes Maxakalí, especialmente os relativos à fauna e à flora. Neste estudo foram considerados nomes compostos aqueles cujos componentes podem ocorrer como bases livres nominais ou verbais¹³, diferentemente dos nomes derivados, em que formas presas se unem a uma base. Os compostos lexicais do Maxakalí que se referem à fauna e à flora se constituem de dois tipos, a saber, (1) nome + nome e (2) nome + verbo. O quadro a seguir ilustra as possibilidades de composição:

QUADRO 8: Composição

Nº	Maxakalí	Descrição	Táxon	Português
Nome + nome				
1	pop-kuxa’	macaco-coração = coração de macaco	<i>Enterolobium sp</i>	‘orelha-de-macaco’

¹³ Seguindo a posição que assumi em Campos (2009), considero neste estudo que a classe adjetivos em Maxakalí é expressa por verbos descritivos.

2	kutak-xãm	semente dura + espinho = semente de cerne espinhenta	<i>Cnidoscolus pubescens</i>	‘cansação’
3	kutet-kut	bambu-piolho = piolho de bambu	<i>Morpheis/ Myelobia sp</i>	‘morotó’
4	pop-yĩm	guariba + mão = mão de guariba	<i>Aracnidae</i>	‘aranha’
5	kayã-tut	cobra + mãe = cobra principal	<i>Eunectes murinus</i>	‘sucuri’
6	pop-ta’	guariba + fruto = fruto do guariba	<i>Artocarpus sp</i>	‘jaca’
7	kex-max- kup	sapucaia + semelhante + pé = árvore semelhante à sapucaia	<i>Lafoensia pacari</i>	‘inhaíba’
8	kukta’hax	pedra + fruto + cheiro = cará de cheiro	<i>Dioscorea</i>	‘cará’
9	‘ãmãxux xuktakup	anta + saco escrotal + fruto + pé de = pé do fruto do saco da anta	<i>Caryocar sp</i>	‘pequi’

Nome + verbo

Nº	Maxakalí	Descrição	Táxon	Português
1	nãn-xaha’	urucum + morder = morde urucum	<i>Icterus jamacaii</i>	‘sofrê’
2	mĩta- kõnõn	fruta + esfarelar = fruta que esfarela	<i>Hymenaea sp</i>	‘jatobá’
3	mĩm-pũn	pau + pular = pula pau	<i>Jacamaralcyon tridactyla</i>	‘cuitelão’
4	kox-kĩy	abertura + embrulhar = abertura embrulhada	<i>Bromeliaceae</i>	‘bromélia’
5	mãm-kix	peixe + abater PL = abate peixes	<i>Dendrobranchiata</i>	‘camarão’ ¹⁴
6	kokex-max	cachorro + semelhante	<i>Pseudalopex vetulus</i>	‘raposa-do-campo’
7	mĩm-xux- kup-pu’uk	folha + pé + mole = pé de folha mole	<i>Zeyheria tuberculosa</i>	‘ipê-tabaco’
8	putux-xox- pe’	ave + bico + chato	<i>Phalacrocorax brasiliensis</i>	‘biguá’
9	xokix-nãg	tamanduá + pequeno	<i>Tamandua tetradactyla</i>	‘tamanduá-mirim’

14 Camarão de água doce que ocorre na região dos Maxakalí.

Tanto a derivação quanto a composição permitem designar novos seres a partir de morfemas já existentes na língua. Abordarei esse assunto na próxima seção, que trata de aspectos léxico-semânticos da zoofitonímia Maxakalí.

2. Aspectos semânticos do léxico referente à fauna e à flora

Do ponto de vista léxico-semântico, determinados morfemas da língua distinguem-se por permitir separar grupos de seres em categorias distintas, atuando assim como classificadores. Nesta seção, tratarei desses classificadores que ocorrem em Maxakalí.

2.1 Classificadores

O sistema de classificação do Maxakalí é aparentemente mais simples se comparado com o de línguas como o Maká ou o Toba¹⁵. Morfemas que atuam em processos de derivação e composição em Maxakalí funcionam como classificadores, permitindo categorizar espécies da fauna e da flora em determinadas classes de seres com características comuns, como árvores, sementes, frutas, *habitat*, etc. Tais classificadores são morfemas presos ou livres. Descrevo a seguir os principais classificadores identificados na língua Maxakalí:

QUADRO 9: Classificadores

Nº	Classificador	Definição	Exemplo	Táxon/nome vulgar
Morfemas classificadores presos				
1	ku-	água	ku-xakuk	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> / ‘cavivara’
2	ku-	madeira	ku-pakta	<i>Euterpe edulis</i> / ‘palmeira juçara’
3	kuk-	pedra	kuk-max	<i>Chelonia</i> / ‘tartaruga’
Morfemas classificadores livres				
1	-kup	arbustos e árvores	<i>mãg-kup</i>	<i>Mangifera indica</i> / ‘manga’
2	-ta	frutos	künüm-ta	<i>Sterculia sp</i> / ‘fruto do chichá’

15 Segundo Messineo e Cúneo (2010), classificadores nominais do Toba, língua Guaykurú, são mistos, exprimindo posição do referente e ainda dêixis. Nessa língua, as posições *parado*, *encostado* e *sentado* são diferenciadas, além das distâncias *próximo*, *distante* e *ausente*. (cf. Messineo e Cúneo 2010:29).

3	-hi	plantas com embira	tut-hi	<i>Cecropia glaziovii</i> / 'embaúba-vermelha'
4	-hax	que tem cheiro	mĩmxux-hax	<i>Cymbopogon citratus</i> / 'capim-cidreira'
5	-nãg	de pequeno porte	mĩm-pũn-nãg	<i>Jacamaralcyon tridactyla</i> 'cuitelão'
6	-xeka	de grande porte	mõgmõka xeka'	<i>Harpia harpyja</i> 'gavião-real'
7	-tut	prototípico	ẽ'ũy-tut	<i>Guira guira</i> / 'anu branco'
8	-xãm	comunidade vegetal	kutet-xãm	<i>Bambusoideae</i> / 'bambuzal'
9	xax-	que possui casca	tot-xax	<i>Lagenaria sp</i> / 'cabaça'
10	xu-	provido de focinho, bico ou ponta	xupatex	<i>Dasyprocta aguti</i> / 'cotia'

Há também nomes genéricos ou hiperônimos que atuam como classificadores, assim como também ocorre em português:

QUADRO 10: Nomes classificadores

Etnônimo	Definição
'ãmpex	'cuícas'
'ixõg	'aves de pequeno porte'
putux-nãg	'aves'
hup-nãg	'rãs'
katamak	'figueiras'
koxut	'tatus'
kutehet	'bambu'
kuxxux	'columbídeos'
mãhãm	'peixes'
mĩhĩm	'árvores'
mĩta'	'frutas'
mõgmõka'	'gaviões'

16 Embora diacronicamente *putux* seja um nome presente também em outras línguas da família Maxakalí, ele atua, sincronicamente, como um morfema preso não produtivo, que ocorre apenas em compostos: *putuxnãg* 'ave', *putux-kup* 'coruja', *putux-kup-nox* 'siriema' etc.

paxap	‘patos’
puhi-xaha’	‘insetos noturnos’
putux ¹⁶	‘aves’
pux-nãg	‘pererecas’
tohot	‘cucurbitáceas’
xaho’	‘gambás’
xapup	‘porcos’

Tais nomes classificadores podem agrupar espécies relacionadas, gêneros, famílias, classes e até reinos, como mostra o quadro 11:

QUADRO 11: Nomes classificadores

Etnônimo	Táxon	Definição
’âmpex	<i>Monodelphis</i> (gênero)	‘cuícas’
’ixõg	<i>Passeriformes</i> (ordem)	‘pássaros’
putux-nãg	<i>Aves</i> (classe)	‘aves’
hup-nãg	<i>Ranidae</i> (família)	‘rãs’
katamak	<i>Ficus</i> (gênero)	‘figueiras’
koxut	<i>Cingulata</i> (ordem)	‘tatus’
kutehet	<i>Bambusoideae</i> (família)	‘bambu’
kuxxux	<i>Columbidae</i> (família)	‘columbídeos’
mãhãm	<i>Chordata / Craniata</i> (filó)	‘peixes’
mĩhĩm	<i>Plantae</i> (reino)	‘árvores’
mõgmõka’	<i>Accipitridae/falconidae</i> (família)	‘gaviões’
paxap	<i>Anseriformes</i> (ordem)	‘patos’
puhi-xaha’	<i>Insecta</i> (classe)	‘insetos noturnos’
putux	<i>Aves</i> (classe)	‘aves’
xaho’	<i>Didelphis</i> (gênero)	‘gambás’

Além de servir para classificar de forma genérica grupos de seres relacionados, nomes classificadores atuam como bases para formação de hipônimos que designam outras espécies por processo analógico. Assim, *mĩhĩm*¹⁷ ‘árvore’, por exemplo, serve tanto para designar qualquer

17 O nome *mĩhĩm* ‘árvore’ pertence ao padrão fonotático V_iXV_i apresentado na seção 1.1 deste artigo e por essa razão exibe forma reduzida quando participa de compostos.

formação vegetal quanto para, em conjunção com outros morfemas, denotar espécies que nada têm em comum entre si: *mĩm-xax-kup pu'uk* (*Zeyheria tuberculosa*) 'ipê-tabaco' = "pau de madeira mole", *mĩm-xuxtõynãgkup* (*Vernonia polysphaera*) 'assa-peixe' = "pé de folha compridinha". Ambos os nomes são formados a partir do nome genérico *mĩhĩm* 'árvore'. Da mesma forma, o arcaísmo referente a 'porco', *xakuk*, torna-se 'capivara' *kuxakuk* = "porco d'água" por acréscimo do prefixo *ku-*, e 'inhame' *kukta* torna-se 'cará' *kukta'hax* = "taioba de cheiro" por composição com o morfema *-hax* 'ter cheiro'.

Na próxima seção, tratarei da motivação / não motivação semântica na nomeação da fauna e da flora em Maxakalí.

3. Motivação / não motivação semântica

A nomeação de fitônimos e zoônimos em Maxakalí pode ser basicamente classificada como sendo motivada e não motivada ou composicional e não composicional, principalmente nos casos de derivação e composição. Nos termos de Messineo e Tacconi (2010), nomes motivados são aqueles "en los que existe una relación analógica entre la forma y el significado" (cf. Messineo e Tacconi 2010:86). Nomes podem ser opacos, semitransparentes e transparentes, dependendo se são ou não motivados semanticamente, ou seja, se seus elementos constituintes são semanticamente transparentes ou opacos aos falantes da língua. Nomes opacos são não motivados, nomes semitransparentes são parcialmente motivados e nomes transparentes são por sua vez semanticamente motivados. Nas subseções seguintes tratarei dos três tipos de nomeação.

3.1 Nomes opacos

Os nomes opacos ou não motivados, como o seu nome já indica, constituem uma unidade semântica e morfológica e não podem por isso ser decompostos em constituintes menores com significado. Em Maxakalí tais nomes são muito comuns:

QUADRO 12: Nomes opacos

nº	Maxakalí	Táxon	Português
1	kũnũhũm	<i>Nasua nasua</i>	'quati'
2	kupũmõg	<i>Eira barbara</i>	'rrara'
3	ku'ut	<i>Tyto Alba</i>	'suindara'
4	mākak	<i>Ardeidae</i>	'garça'
5	mãntatãg	<i>Aramides sp</i>	'saracura'
6	matuk	<i>Bufo nidae</i>	'sapo-boi'

7	mayakög	<i>Ortalis sp</i>	‘aracuã’
8	mūnīhīn	<i>Formicidae</i>	‘formiga’
9	patakak	<i>Pipile jacutinga</i>	‘jacutinga’
10	patap	<i>Odontophoridae</i>	‘uru’
11	paxot	<i>Tinamus solitarius</i>	‘macuco’
12	payāgta	<i>Acrocomia aculeata</i>	‘macaúba’
13	po’op	<i>Cebus sp</i>	‘macaco-prego’
14	puxō’ōy	<i>Lumbricina</i> (subordem)	‘minhoca’
15	takxēn	<i>Tapera naevia</i>	‘peixe-frito’
16	tohot	<i>Curcubitaceae</i>	‘abóbora’
17	toknōm	<i>Cariniana sp/Couratari sp</i>	‘jequitibá’
18	tokoxuk	<i>Chorisia glaziovii</i>	‘barriguda’
19	tuhut	<i>Cecropia</i>	‘embaúba’
20	xaho’	<i>Didelphus marsupialis</i>	‘gambá’
21	xamoka’	<i>Hirundinidae</i>	‘andorinha’
22	xamōpa’	<i>Penelope sp</i>	‘jacu’
23	xapa’	<i>Cuniculus paca</i>	‘paca’
24	xokanīn	<i>Isoptera</i>	‘cupim’
25	xoktux	<i>Sciurus sp</i>	‘esquilo’
26	xonox	<i>Elaenia flavogaster</i>	‘maria-é-dia’
27	koyemok	<i>Nyctidromus albicollis</i>	‘curiango’
28	tuix	<i>Myozetetes similis</i>	‘suiriri’
29	’ātam’	<i>Thamnophilus torquatus</i>	‘choca-de-asa-vermelha’
30	koput	<i>Xanthosoma mafaffa</i>	‘mangarito’

Como já esclareci na seção 1.2, nomes como os do quadro 12 são opacos porque não permitem uma análise semântica ou morfológica dos seus constituintes. A nomeação de seres neste caso é arbitrária, pois não há motivação na relação entre forma e significado.

Cotton (1997), ao tratar de nomes de plantas, afirma que nomes opacos tendem a ter mais importância localmente em relação aos nomes transparentes. Segundo as palavras do autor:

[...] in general, the more descriptive a plant name, the less cognitive effort is required to associate the name with its appropriate referent; hence, plants with opaque labels are likely to be those of particular local significance.¹⁸ (Cotton 1997:274).

18 “Em geral, quanto mais descritivo for um nome de planta, menos será o esforço cognitivo necessário para associar o nome com seu referente apropriado. Portanto, plantas com rótulos opacos são provavelmente aquelas com maior importância local.” Tradução minha.

De fato, muitos zoofitônimos empregados em rituais Maxakali são completamente opacos: *mõgmõka* ‘gavião’, *xũnĩm* ‘morcego’, *penex* ‘perereca’, *po’op* ‘macaco’, *pamep* ‘marimbondo’, *paxot* ‘macuco’, etc. Além disso, muitos nomes referentes à fauna e à flora em Maxakali têm frequentemente correspondentes opacos usados apenas em rituais ou falados apenas por falantes mais velhos:

QUADRO 13: Nomes rituais

Nome corrente	Nome ritual	Táxon	Português
hãmgãy	xok-’ãnet	<i>Panthera onca</i>	‘onça-pintada’
xapup-nãg	xakuk-nãg	<i>Tayassu tajacu</i>	‘caititu’
kutut-tap	kanepa’	<i>Lepidoptera</i>	‘borboleta’/‘mariposa’
’ãmãxux	hãm-yak	<i>Tapirus terrestris</i>	‘anta’

Os nomes rituais acima são completamente opacos aos falantes comuns e geralmente conhecidos apenas por falantes mais velhos, o que sugere que eles sejam nomeações mais antigas da língua, o que corrobora a afirmação de Couto (2007) sobre opacidade. Segundo Couto (2007), nomes opacos tendem a ser mais antigos em relação aos nomes transparentes:

[...] Nomes transparentes, descritivos, tendem a ser mais recentes, o que implica menor convivência dos membros da comunidade com o referente. Nomes opacos tendem a ser mais antigos, o que pode significar uma convivência maior e mais antiga com ele. (Couto 2007:231)

Provavelmente é por essa razão que, segundo Hay (2001, 2002), “nomes opacos tendem a ter frequência relativa maior que a das bases que os compõem”, pois, por serem compostos contendo às vezes elementos fossilizados, tais elementos não ocorrem mais tão recorrentemente de forma livre na língua, permanecendo vivos apenas nas palavras que os contém. A partir das observações de Cotton (1997), Couto (2007) e Hay, pode-se inferir que a importância, a idade e a frequência de uso que certos nomes adquirem na comunidade de fala são determinantes para a erosão semântica por que eles passam, tornando-se paulatinamente opacos, não motivados.

Entre os nomes opacos, incluem-se os empréstimos diretos que entram na língua. A próxima subseção tratará sobre eles.

3.1.2 Empréstimos diretos

Os empréstimos diretos são itens lexicais emprestados de outras línguas e incorporados ao léxico da língua receptora com características semânticas e

morfológicas semelhantes à da língua de origem, sendo apenas conformados às exigências fonológicas da língua que os acolhe. Nessa situação, os empréstimos diretos são opacos porque os morfemas que os compõem pertencem a uma língua alheia e, por conseguinte, seu conteúdo semântico não é normalmente acessível aos falantes da língua receptora, como explica Boretzky (1985)¹⁹:

[...] Im Falle von Lehnwörtern liegen die Motive für die Benennung nicht in der eigenen Sprache und sind für die Sprecher auch im Ausnahmefall durchschaubar. [...]. (Boretzky, 1895:54)²⁰.

Os empréstimos diretos referentes à fauna e à flora em Maxakalí são, eventualmente, oriundos do Tupinambá e, claro, principalmente do Português e designam normalmente espécies exóticas:

QUADRO 14: Empréstimos diretos

Nº	Nome Maxakalí	Táxon	Nome brasileiro
1	tomãñ	<i>Solanum sp</i>	‘tomate’
2	yak	<i>Artocarpus heterophyllus</i>	‘jaca’
3	kakap	<i>Theobroma cacao</i>	‘cacau’
4	kapex	<i>Coffea sp</i>	‘cafeeiro’
5	pakõna’	<i>Musa paradisiaca</i>	‘banana’
6	mãg	<i>Mangifera indica</i>	‘manga’
7	maka’	<i>Persea americana</i>	‘abacate’
8	mãxãñ	<i>Malus sp</i>	‘maçã’
9	mohĩy	<i>Equus asinus</i>	‘burro’
10	mox	<i>Bos taurus</i>	‘boi’
11	pino’	<i>Meleagris gallopavo</i>	‘peru’

Apesar de designarem em sua maioria seres do universo não Maxakalí, observou-se que os empréstimos diretos podem também ser empregados para a nomeação de seres nativos, conhecidos tradicionalmente pelos Maxakalí, mas que hoje são desconhecidos pelas gerações mais novas. Neste caso, há o que se chama aqui de *renomeação*, um número crescente de nomes oriundos do português que competem com nomes vernáculos Maxakalí, usados geralmente pelos mais velhos. Assim, seres da fauna e da flora que outrora pululavam a

19 Agradeço ao Prof. Hildo Honório do Couto por gentilmente me disponibilizar uma cópia deste texto.

20 “[...] No caso de empréstimos, as motivações para a nomeação não estão na própria língua e não são de modo algum transparentes para o falante.” Tradução minha.

mata atlântica e a caatinga, biomas frequentados pelos Maxakalí, por serem menos ou não mais vistos, perdem, aos poucos, importância na sociedade. Como consequência, os nomes Maxakalí que os designam, por terem pouca frequência de uso, são esquecidos ou substituídos por nomes do português:

QUADRO 15: Renomeação de seres

Nº	Vernáculo	Renomeação	Táxon	Português
1	putuxyixux	kanãñiy	<i>Sicalis flaveola</i>	‘canário-da-terra’
2	-----	kanaxat	<i>Geophagus sp</i>	‘cará’
3	mõgmõka xeka’	katkana’	<i>Polyborus plancus</i>	‘caracará’
4	-----	kayo’	<i>Anacardium sp</i>	‘cajueiro’
5	xuxpunupa’	nãmo’	<i>Crypturellus sp</i>	‘inhambu’
6	putuxkupnox	xaniẽm	<i>Cariama cristata</i>	‘seriema’
7	yõyxuxkup	yakanãna’	<i>Dalbergia sp</i>	‘jacarandá’
8	-----	’imonãñ	<i>Amburana cearensis</i>	‘imburana’
9	-----	penit	<i>Tinamidae</i>	‘perdiz’
10	-----	kono’	<i>Tinamidae/Phasianidae</i>	‘codorna’

Em Maxakalí, embora os itens (1), (3), (5), (6) e (7) tenham sido renomeados por falantes mais jovens, seus correspondentes vernáculos são ainda usados por falantes mais experientes.

A nomeação por empréstimos diretos têm se tornado frequente na língua devido ao contato crescente com a sociedade não índia dominante. O fenômeno de renomeação vale-se da crescente escassez de recursos naturais nas terras indígenas e pelo desinteresse dos mais jovens na aquisição de conhecimentos tradicionais²¹. É comum que dois nomes sejam usados simultaneamente, o vernáculo é usado pelos falantes mais experientes e a renomeação pelos mais jovens²². Na seção seguinte serão abordados os nomes semitransparentes.

3.2 Nomes semitransparentes

Os nomes opacos tornam-se semitransparentes quando a eles são acrescentados morfemas produtivos da língua, tornando-os parcialmente analisáveis internamente, apesar da base opaca:

21 De modo geral, os índios Maxakalí mais jovens buscam interesses externos à sociedade Maxakalí tradicional, como forró, futebol, aparelhos de som e televisão, o que relega conhecimentos tradicionais da fauna e da flora, por exemplo, a uma posição secundária.
22 À medida que as gerações mais velhas derem lugar às mais novas, possivelmente apenas as renomeações substituirão as concorrentes vernáculas.

QUADRO 16: Nomes semitransparentes

nº	Maxakali	Descrição semântica	Táxon	Português
1	kuk-xati-nãg	água + xati(?) + pequeno	<i>Piper jaborandi</i>	‘jaborandi’
2	kak-xeka	kak (?) + grande	<i>Sauria</i> (subordem)	‘lagarto’
3	kono-ka-xax	kono (?) + ka (?) + casca	<i>Bufonidae</i>	‘sapo’
4	kak-mĩm-kup	kak (?) + madeira + pé = pé de ?	<i>Schizolobium</i> <i>parahyba</i>	‘guapuruvu’
5	kũnũm-tut	kũ- (?) + nũ- (?) + hũm (?) = ‘quati’ + mãe	<i>Procyon</i> <i>cancrivorus</i>	‘mão-pelada’
6	kux-xux-nãg	kux (?) + xux (?) + pequeno	<i>Columbina</i> <i>tapacolti</i>	‘rolinha-caldo- de-feijão’
7	paka-xap-kup	paka (?) + semente + pé	<i>Trema</i> <i>micrantha</i>	‘crindiúva’
8	katak-xeka’	katak (?) + grande	<i>Joannesia</i> <i>heveoides</i>	‘cutieira’
9	puk-xat	abelha + xat (?)	<i>Anthophila</i>	‘abelha’
10	xet-xox	xet (?) + dente	<i>Muridae</i>	‘rato’
11	xit-kũnĩ	alimento + kũnĩ (?)	<i>Inga sp</i>	‘ingá’
12	xoxmetmet	bico + metmet (?)	<i>Pitangus</i> <i>sulphuratus</i>	bem-te-vi ²³
13	putuxmukup	ave + muk (?) + pé	<i>Croton</i> <i>urucurana</i>	‘sangra- d’água’
14	xok-yãm	bicho + yãm (?)	<i>Teiidae</i>	‘teiu’
15	xok-tam-ãta’	coisa + tam(?) -ãta (?)	<i>Turdus sp</i>	‘sabiá’
16	hup-nãg	hup (?) + pequeno	<i>Ranidae</i>	‘rã’
17	ku-pak-ta	madeira + pak (?) + fruto	<i>Euterpe edulis</i>	‘palmeira- juçara’
18	ku-tatak	madeira + fruto + tak ?	<i>Syagrus</i> <i>romanzoffiana</i>	‘jerivá’
19	ku-toha’	madeira + (?)	<i>Pterygota</i> <i>brasiliensis</i>	‘pau-rei’
20	xu-nuix	provido de bico + nuix (?)	<i>Tyrannus</i> <i>melancholicus</i>	‘suiriri’

23 Xoxmetmet designa também a espécie *Megarinchus pitangua* ‘neinei’, indiferentemente, pois os Maxakali consideram as duas espécies a mesma ave.

Entre os nomes semitransparentes, incluem-se também empréstimos indiretos (decalques) de outras línguas e nomes onomatopeicos. Neste ponto discordo da análise de Boretzky (1985) que considera nomes onomatopeicos exemplos de nomes opacos²⁴. Segundo Boretzky:

[...] Mit Ausnahme von nicht transparentes Lehnwörter und freien Schöpfungen (onomatopeische Bildungen, Phantasiewörter u ä. muss jeder neugeschaffene Ausdruck sich an schon vorhandene Ausdrucksmittel anlehnen und somit zumindest zum Zeitpunkt seiner Einführung motiviert gewesen sein).²⁵ (Boretzky 1985:54).

Incluí os nomes onomatopeicos entre os nomes semitransparentes porque por serem criações analógicas, baseadas nas vocalizações dos referentes, tais nomes não são completamente desmotivados. Os nomes onomatopeicos não constituem o tipo de nomeação mais recorrente na língua, representando uma pequena parcela do léxico Maxakalí referente à fauna e à flora:

QUADRO 17: Nomes onomatopeicos

	Nome Maxakalí	Táxon	Nome brasileiro
1	ẽ'ẽ	<i>Brotogeris tirica</i>	'maritaca'
2	mãnmãn	<i>Picidae</i>	'pica-pau'
3	mẽõg	<i>Felis sp</i>	'gato'
4	mëymëy	<i>Cicadellidae</i>	'cigarrinha'
5	kekex	<i>Gallinago gallinago</i>	'narceja'
6	teptep	<i>Procnias nudicollis</i>	'araponga'
7	tëytëy	<i>Vanellus chilensis</i>	'quero-quero'
8	tokân	<i>Numida meleagris</i>	'galinha-d'angola'
9	tëntën	<i>Euphonica violacea</i>	'gaturamo-verdadeiro'

Observa-se, na tabela 17, que, com exceção de (3) e de (8), nomeações onomatopeicas em Maxakalí apresentam reduplicação.

3.3 Nomes transparentes

Ao contrário dos nomes opacos e semitransparentes, os nomes transparentes mostram relação semântica entre seus elementos constituintes, tornando

24 Saussure (2007:83) também argumenta a favor de as onomatopeias serem não motivadas.
25 “Com exceção de empréstimos não transparentes e de criações livres (formações onomatopeicas, palavras fantasias, entre outras, toda expressão recém-criada precisa se apoiar em um meio de expressão já disponível e, por conseguinte, ser motivada pelo menos no momento de sua introdução).” Tradução minha.

possível uma análise interna total dos nomes em questão, podendo cada um dos seus componentes ser depreendidos semanticamente: *hām-gāy* “coisa brava” = ‘onça’ (*Panthera onca*), *xapup-xe’e* “porco verdadeiro” = ‘queixada’ (*Tayassu pecari*), etc. O quadro a seguir ilustra alguns nomes transparentes da língua Maxakalí:

QUADRO 18: Nomes transparentes

nº	Maxakalí	Descrição	Táxon	Português
1	’ãmāxux-xuk-ta-kup	anta + saco + fruta + pé = pé da fruta do saco da anta	<i>Caryocar brasiliense</i>	‘pequi’
2	ãmkak-kut-ta-kup	arara + piolho + fruta + pé = pé de fruta do piolho da arara	<i>Centrolobium tomentosum</i>	‘araribá’
3	hām-gāy	coisa + ser bravo = coisa brava	<i>Panthera onca</i>	‘onça’
4	kex-max-kup	sapucaia + falso + pé = pé de sapucaia falso	<i>Lecthis lurida</i>	‘inhaíba’
5	kohat-xaha’	curral + morder = morde curral	<i>Fluvicola nengeta</i>	‘maria-lavadeira’
6	kokex-kata’ ²⁶	cão vermelho	<i>Chrysocyon brachiurus</i>	‘lobo-guará’
7	kōnāg yōg mūñy-tut	água de vaca = vaca d’água	<i>Bubalus bubalis</i>	‘búfalo’
8	mīm-xax-kup	madeira + casca + pé = pé de madeira cascuda	<i>Tabebuia sp</i>	‘ipê’
9	nān-xaha’	urucum + morder = morde urucum	<i>Icterus jamacaii</i>	‘sofrê’
10	pop-kuxa’	guariba + coração = coração de guariba	<i>Enterolobium sp</i>	‘orelha-de-macaco’
11	pop-ta’	guariba + fruto = fruto do guariba	<i>Arthocarpus sp</i>	‘jaca’
12	pop-yīm	guariba + mão = mão de guariba	<i>Arachnida</i>	‘aranha-caranguejeira’
13	tot-xax	abóbora + casca = casca de abóbora	<i>Lagenaria</i>	‘cabaça’
14	xām-xaha’	espinho + morder = morde espinho	<i>Taraba major</i>	‘choró-boi’
15	xok-xox-kup	bicho + dente + pé = pé de garra de bicho	<i>Erythrina sp</i>	‘mulungu’

26 Por analogia (devido à cor avermelhada), a suçuarana, *Puma concolor*, é também designada em Maxakalí por *kokex-kata’* e *komā-kata’* (nome ritual), além do nome genérico *hām-gāy* (onça).

Os nomes do quadro acima são composicionais, pois podem ser analisados individualmente do ponto de vista semântico. Alguns desses nomes têm seus elementos constituintes distribuídos de modo que formam compostos meronímicos, o que descreverei com detalhes na seção 3.3.10.

Nomes transparentes podem ser classificados em diferentes categorias semânticas, que se baseiam na referência que os zoofitônimos fazem a características salientes das espécies em questão. Diferentes categorias semânticas já foram propostas na literatura, entre elas as de Boretzky (1987)²⁷, Couto (2007)²⁸ e Martínez e Cúneo (2009)²⁹. Baseando-me nas categorias semânticas de nomeação propostas por Boretzky (1987), Couto (2007) e Martínez e Cúneo (2009), empreendi uma análise semelhante da zoofitonímia Maxakalí³⁰. Utilizei na análise onze categorias, dentre os quais algumas foram emprestadas dos autores e outras foram adaptadas à língua: (1) *prototipicidade*, (2) *local de permanência ou origem*; (3) *fetichismo*; (4) *comportamento*; (5) *olfato*, (6) *tato e paladar*; (7) *dimensão*; (8) *características de formas*; (9) *sentido visual*; (10) *expressão de valor* e (11) *analogia*. Descrevo a seguir cada uma delas.

3.3.1 Prototipicidade

Em Maxakalí a prototipicidade é indicada por três bases, uma nominal e duas verbais: *-tut* ‘grande’, ‘mãe’, ‘principal’, *-xe’e* ‘verdadeiro’ e *-xê’ênãg* ‘mais que verdadeiro’. Assim, a ave ‘choca-da-mata’ *Thamnophilus caerulescens*, por exemplo, é denominada ‘a choca’³¹ principal’ ou ‘a choca prototípica’: *’âtam-tut*, em relação a outra espécie de choca (choró-boi), aparentemente menos importante: *’âtam* (*Taraba major*). Curiosamente, pelo menos para esta espécie, o tamanho da ave não parece definir a prototipicidade, pois a espécie *’âtam* (*Taraba major*) é consideravelmente maior que a espécie escolhida como prototípica, a ‘choca-da-mata’ (*’âtam-tut*) *Tamnophilus caerulescens*. Seguem, no quadro abaixo, exemplos de nomes da categoria prototipicidade:

27 Boretzky (1987) propõe onze tipos de nomeação baseados na sua motivação semântica para a análise de cinco línguas (alemão, latim, turco, sranan e tzeltal): (1) sentido de visão, (2) dimensão, (3) traços de formato, (4) eventos, (5) lugares, (6) paladar e olfato, (7) tato, (8) origem, (9) informação sobre data ou horário, (10) utilidade e (11) casos especiais.

28 Couto (2007) acrescenta ainda três outros tipos de nomeação aos propostos por Boretzky (1987): (1) metáfora, (2) inutilidade e (3) metonímia.

29 Martínez e Cúneo (2009) citam três categorias que se subdividem em outras tantas que não serão mencionadas aqui por falta de espaço: (1) atributos morfológicos ou propriedades salientes, (2) nomes que evidenciam aspectos fisiológico-ecológicos ou etológicos de espécies animais e (3) nomes que aludem a uso, função e significado da espécie para a cultura.

30 As análises dos autores citados abordam apenas fitônimos. Na análise que apresento incluí também zoônimos.

31 Nome comum a várias espécies de aves da família *Tamnophilidae*.

QUADRO 19: Prototipicidade

nº	Maxakalí	Descrição semântica	Táxon	Português
1	õn õnnāg xě'ě-nāg	rã + dim + -xě'ěnāg = a rã prototípica/verdadeiríssima	<i>Leptodactylus mystacinus</i>	'rã-assobiadora'
2	mũnũy-tut	veado + tut = o veado prototípico	<i>Bos taurus</i>	'vaca'
3	kãyātut	cobra + tut = a cobra prototípica	<i>Eunectes sp</i>	'sucuri'
4	xapup xe'e'	porco verdadeiro	<i>Tayassu pecari</i>	'queixada'
5	putuxkup- tut	coruja + tut = a coruja prototípica	<i>Megascops atricapilla</i>	'corujinha-sapo'
6	putux-tut	ave + tut = a ave prototípica	<i>Gallinula chloropus</i>	'frango-d'água- comum'
7	ěũy-tut	anu-preto + tut = o anu prototípico ³²	<i>Crotophaga ani</i>	'anu-preto'
8	'ātām-tut	choca + tut = a choca prototípica	<i>Thamnophilis caerulescens</i>	'choca-da-mata'
9	xĩnāy-tut	xĩnāy (?) + tut o xĩnāy prototípico	<i>Piaya cayana</i>	'alma-de-gato'

3.3.2 Local de permanência ou origem

A origem ou o local de permanência é expresso na língua por meio da construção genitiva com o possessivo *yōg* ou por meio de adjunção:

QUADRO 20: Local de permanência ou origem

nº	Maxakalí	Descrição semântica	Táxon	Português
1	kokex mĩmāti' yōg	cachorro + floresta + POSS	<i>Chrysocyon brachiurus</i>	'lobo-guará' ³³
2	kukta'	pedra + fruto = fruto de pedra	<i>Dioscorea sp</i>	'inhame'
3	kōmẽn yōg ĩxōg	cidade + POSS + ave = ave da cidade	<i>Passer domesticus</i>	'pardal'

32 Isto é, o anu-preto (*Crotophaga ani*) em oposição ao anu-branco (*Guira guira*).

33 A diferença entre os canídeos lobo-guará, cachorro-do-mato e raposa-do-campo não coincide entre os falantes, o que talvez seja um indício de que os falantes já não sabem mais distinguir as espécies em questão por já há muito não fazerem mais parte do seu convívio.

4	pok yōg hām̃xux	brejo + POSS + folhagem = folhagem do brejo	<i>Asclepias sp</i>	‘asclépiá’
5	kōnāg yōg mūnūytut	água + POSS + boi	<i>Bubalus bubalis</i>	‘búfalo’
6	penexhām̃nknāg	perereca + chão seco + dim = pererequinha do chão seco	<i>Flectonotus ohausi</i>	‘perereca- marsupial’

3.3.3 Fetiche

A predileção por um ambiente ou um alimento determinado ou a semelhança da espécie com alguma característica do ambiente inspira comumente a nomeação da zoonímia por meio do verbo *xaha* ‘morder’, que assume o sentido de “gostar de” ou, mais raramente, de “ser semelhante a” seguindo um objeto verbal:

QUADRO 21: Fetiche

nº	Maxakalí	Descrição semântica	Táxon	Português
1	nān-xaha’	urucum + morder = morde urucum = da cor do urucum	<i>Icterus jamacaii</i>	‘sofrê’
2	kokex-xaha’	cachorro + morder = vocalização semelhante à do cachorro	<i>Knipolegus nigerrimus</i>	‘maria-preta- de-garganta- vermelha’
3	kohat-xaha’	curral + morder = gosta de curral	<i>Fluvicola nengeta</i>	‘lavadeira- mascarada’
4	xām-xaha’	espinho morder = gosta de espinho	<i>Taraba major</i>	‘choró-boi’
5	puhi-xaha’	vela + morder = gosta de vela	<i>Insecta</i>	‘insetos noturnos’
7	tuthi’-xaha’	embaúba-vermelha + morder = gosta de embaúba	<i>Colaptes campestris</i>	‘pica-pau-do- campo’
8	mīta’-xeka’ -xaha’	fruta grande + morder = gosta de fruta grande	<i>Attila rufus</i>	‘capitão-de- saíra’
9	koputxaha’	mangarito + morder = gosta de mangarito	<i>Phyllomyas fasciatus</i>	‘piolhinho’
10	kutet-kox- xaha’	bambu-buraco + morder = gosta de buraco de bambu	<i>Tantilla melanocephala</i>	‘falsa-coral’

3.3.4 Comportamento

O hábito de algumas espécies pode frequentemente ser aludido na sua nomeação por meio de verbos. Além do verbo *xaha* ‘morder’ são empregados também outros verbos antecidos do objeto verbal:

QUADRO 22: Comportamento

nº	Maxakalí	Descrição semântica	Táxon	Português
1	mĩm-pũn	pau + pular = pula pau	<i>Galbula ruficauda</i>	‘ariramba-de-cauda-ruiva’
2	hãm-gãy	coisa + bravo = coisa brava	<i>Panthera onca</i>	‘onça-pintada’
3	puhi-xaha’	vela + morder = morde vela ³⁴	<i>Insecta</i>	‘insetos noturnos’
4	kohat-xaha’	curral + morder = morde curral = fica no curral	<i>Fluvicola nengeta</i>	‘lavadeira-mascarada’
5	hãm-hã-pet	terra com + fazer casa = faz casa com terra	<i>Furnarius rufus</i>	‘joão-de-barro’
6	tuthi’-xaha’	embaúba-vermelha + morder = morde embaúba	<i>Colaptes campestris</i>	‘pica-pau-do-campo’

3.3.5 Olfato, tato e paladar

Esse tipo de nomeação não parece ser produtivo em Maxakalí, pois apenas foram identificadas cinco espécies, duas relacionadas a olfato, duas a tato e apenas uma ao paladar:

QUADRO 23: Olfato, tato e paladar

nº	Maxakalí	Descrição semântica	Táxon	Português
Olfato				
1	Kukta’hax	inhame + cheirar	Dioscorea	‘cará’
2	mĩmxuxhax	folha + cheirar	<i>Cymbopogon citratus</i>	‘capim-cidreira’
Tato				
1	mĩmxux pu’uk	folha + mole	<i>Alternanthera brasiliana</i>	‘carrapichinho-do-mato’

³⁴ Alusão ao voo “suicida” dos insetos contra a luz das velas durante a noite.

2	mĩmxaxkup pu'uk	ipê + mole	<i>Zeyheria tuberculosa</i>	‘ipê-tabaco
3	mĩta-kõnõn	fruta + esfarelar = fruta que esfarela	<i>Hymenaea sp</i>	‘jatobá’
Paladar				
1	Totxuxpex	cabaça + gostoso	<i>Citrullus lanatus</i>	‘melancia’

3.3.6 Dimensão

Certos nomes expressam as características dimensionais do referente por meio de verbos/adjetivos. Nos casos encontrados, os nomes desta categoria ilustram características de tamanho e altura e apresentam a estrutura N + V:

QUADRO 24: Dimensão

nº	Maxakalí	Descrição semântica	Táxon	Português
1	mĩmxaxkup- xeka	ipê + grande	<i>Zeyheria tuberculosa</i>	‘ipê-tabaco’
2	kaxkukõy-nãg	japu + pequeno	<i>Cacicus haemorrhous</i>	‘guaxo’
3	kãyã-nox	cobra + comprido = cobra comprida	<i>Bothrops sp</i>	‘jararaca’
5	xokix-nãg	tamanduá + pequeno	<i>Tamandua tetradactyla</i>	‘tamanduá- mirim’
2	xupxak-tõy- nãg	mamão + comprido + DIM = mamão compridinho	<i>Vasconcellea quercifolia</i>	‘mamão-do- mato’
3	nãg-tut-tox	rabo + prototipicidade + comprido = “rabão comprido”	<i>Mimus saturninus</i>	‘sabiá-do- campo’
6	hup-nãg	curto + DIM = curtinha	<i>Ranidae</i>	‘rã’
7	putux-kup- nox	ave + perna + comprido = ave de perna comprida	<i>Cariama cristata</i>	‘seriema’
10	mõgmõka’- xeka’	gavião + grande	<i>Polyborus plancus</i>	‘caracará’

3.3.7 Características de formas

Nomes desta categoria expressam as características físicas do referente como presença de pelos, aspecto da casca, formato, etc. Tais nomes apresentam a estrutura N + V ou N + N:

QUADRO 25: Características de formas

1	xitkũnĩn-xenut	ingá + peludo	<i>Inga vulpina</i>	‘ingá-peludo’
2	xupxak-tõy-nãg	mamão + comprido + DIM = mamão compridinho	<i>Vasconcellea quercifolia</i>	‘mamão-do-mato’
3	kox-kĩy	buraco embrulhar = buraco embrulhado	<i>Bromeliaceae</i>	‘bromélia’
4	mĩm-xax-kup	madeira + casca + pé = pau de madeira cascuda	<i>Angiospemeae-Bignoniaceae</i>	‘ipê’
5	kãyã-xap	cobra + chato = “cobra chata”	<i>Crotalus sp</i>	‘cascavel’
6	kutak-xãm	semente dura + espinho = semente dura espinhenta	<i>Cnidoscolus pubescens</i>	‘cansanção’

3.3.8 Sentido visual

A nomeação da fauna e da flora baseada pelo sentido da visão é expressa por meio de adjetivos relativos a cores ou que descrevem padrões de desenhos ou texturas de peles e plumagens, como *pintado* ou *listrado*:

QUADRO 26: Sentido visual

nº	Maxakalí	Descrição semântica	Táxon	Português
1	nimãp-kox-’ãta’	limão + buraco + vermelho = limão de buraco ³⁵ vermelho	<i>Citrus limonia</i>	‘limão-rosa’
2	kuxxux-ponõg-nãg	juriti + branco + dim = juriti branquinha pequena	<i>Columbina squammata</i>	‘fogo-apagou’
3	kakxeka-kũĩn	lagarto + listrado	<i>Tupinambis sp</i>	‘teiú’
4	xok-’ãnet ³⁶	bicho + pintado	<i>Panthera onca</i>	‘onça-pintada’
5	xok-tap	bicho + preto	<i>Panthera onca</i>	‘onça-preta’

35 Possivelmente uma referência à casca porosa dessa variedade de limão.

36 O nome *xok’ãnet* é usado na língua dos cantos e por falantes mais velhos. Nele, o morfema ‘ãnet’ ‘pintado’, com a obstruinte sonora /d/, corresponde à forma atual ‘ãtet’, cuja obstruinte correspondente é surda /t/.

6	mãnmân-tut-ponok	pica-pau + mãe + branco	<i>Melanerpes candidus</i>	‘pica-pau-branco’
7	mãnmân-putox-‘ãta’	pica-pau + cabeça + vermelho	<i>Campephilus melanoleucos</i>	‘pica-pau-de-topete-vermelho’

3.3.9 Expressão de valor

Alguns nomes expressam julgamento de valor dos falantes em relação ao referente. Poucos nomes com essa característica puderam ser identificados, a maioria com valor negativo:

QUADRO 27: Expressão de valor

nº	Maxakalí	Descrição semântica	Táxon	Português
1	kohok kumuk	fumo + ruim	<i>Cannabis sativa</i>	‘maconha’
2	hãm-gãy	coisa + brava	<i>Panthera onca</i>	‘onça’
3	penex-kumuk	perereca + ruim/feia	<i>Scinax flavoguttatus</i>	‘perereca-de-riacho’
4	tot-xuxpex	curcubitácea + gostoso	<i>Citrullus lanatus</i>	‘melancia’
5	penex-yĩxux-kumũg-nãg	perereca + amarelo + feio + DIM = perereca de (cor) amarelo feio	<i>Hypsiboas exastis</i>	‘perereca’

3.3.10 Analogia

A nomeação baseada na analogia com espécies já existentes mostrase muito produtiva em Maxakalí e se realiza principalmente por meio de compostos meronímicos e atributivos, sendo que ambos expressam relações metafóricas entre o todo e a parte, nas quais uma característica física do referente é destacada. Nesse tipo de composição, os elementos constituintes mantêm entre si uma relação de parte/todo e denotam assim partes do corpo em sua maioria: *popkuxa* ‘orelha-de-macaco’ = (“coração-de-guariba”), *popyĩm* ‘aranha caranguejeira’ = (“mão de guariba”), *totxax* ‘cabaça’ = (“casca de abóbora”). Compostos meronímicos assumem na língua a estrutura N + N. Nesse caso, o termo mais geral, que designa a parte, ocorre à direita, e o termo mais específico, que se refere ao todo, um nome ou um sintagma possessivo, à esquerda. Compostos atributivos apresentam estrutura N + V na qual o núcleo nominal expressa o todo e é modificado por um elemento atributivo, na maioria dos casos um verbo/adjetivo:

QUADRO 28: Analogia

nº	Maxakalí	Descrição semântica	Táxon	Português
1	kokex-max	cachorro + semelhante = parecido com cachorro	<i>Cerdocyon thous</i>	‘cachorro-do-mato’
2	kex-max-kup	sapucaia + semelhante + pé = pé semelhante ao da sapucaia	<i>Lecthys lurida</i>	‘inhaíba’
3	’ãmkak-kut-ta-kup	arara + piolho + fruta + pé = pé da fruta do piolho da arara	<i>Centrolobium tomentosum</i>	‘araribá’
4	’ãmxüg yõn kup	pulga + fezes + pé = pé da bosta de pulga	<i>Cyperus sp</i>	‘tiririca’
5	kuxa-kuk	água + porco = porco d’água	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	‘capivara’
6	tep-nãg	banana + pequeno = bananinha	<i>Hedychium coronarium</i>	‘lírio-do-brejo’
7	kup-tap	pau + preto	<i>Coragyps atratus</i>	‘urubu’
8	kokti-nũ-kup	macaco + rabo = rabo de macaco	<i>Pteridophyta</i>	‘samambaia’
9	põg-nãg	põg (?) + pequeno	<i>Gallinula chloropus</i>	‘frango-d’água-comum’
10	pop-kuxa’	macaco + coração = coração de macaco	<i>Enterolobium sp</i>	‘orelha-de-macaco’

4. Considerações finais

Neste artigo procurei descrever as principais características morfossintáticas, morfofonêmicas e morfolexicais dos nomes que designam a fauna e a flora da língua Maxakalí. Na primeira parte descrevi os quatro tipos de formação lexical mais comuns da zoofitonímia Maxakalí, a formação monomorfêmica, a concatenação não composicional de morfemas, a flexão e a derivação e a composição. Na segunda parte, descrevi os aspectos semânticos do léxico referente à fauna e à flora, como os classificadores e os nomes opacos, semitransparentes e transparentes. Ainda nessa parte propus onze categorias semânticas para diferenciar a nomeação da fauna e da flora em Maxakalí. A descrição apresentada neste trabalho teve o objetivo de contribuir para a descrição da língua Maxakalí, especialmente para a descrição e, quem sabe, manutenção do conhecimento etnobiológico dos povos Maxakalí.

Referências

- Boretzky, Norbert. 1987. Lexikalische Natürlichkeit: Benennungsmotive in Pflanzennamen, in Boretzky, Norbert et al (ed.), *Beiträge zum 3. Essener Kolloquium über Sprachwandel und seine bestimmende Faktoren*, . Bochum: Brockmeyer .
- Bybee, Joan. 2010. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Campos, Carlo Sandro de Oliveira. 2009. Morfofonêmica e morfossintaxe do Maxakalí, Tese de doutorado, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Cotton, C. M. 1997. *Ethnobotany: Principles and applications*. Chichester: John Wiley & Sons).
- Couto, Hildo Honório do. 2007. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Editora Thesaurus.
- Hay, Jennifer. 2010[2001]. Lexical frequency in morphology: is everything relative? (*Linguistics* 39, 2001), in Bybee, Joan, *Language, usage and cognition*, Cambridge University Press.
- Hay, Jennifer. 2010 [2001]. From speech perception to morphology: affix-ordering revisited (*Language* 78, 2001), in Bybee, Joan, *Language, usage and cognition*, Cambridge University Press.
- Martínez, Gustavo J e Cúneo, Paola. 2009. Las denominaciones vernáculas y el conocimiento toba del entorno vegetal. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares* LXIV(2):149-168.
- Messineo, Cristina e Cúneo, Paola. 2010. Modos de clasificación nominal en toba (guaycurú) y maká (mataguaya): zoonimia y fitonimia, in Messineo, Cristina, Scarpa, Gustavo F, Tola, Florencia Carmen (eds.), *Léxico y categorización etnobiológica en grupos indígenas del Gran Chaco*, Santa Rosa: Universidad Nacional de La Pampa. Facultad de Ciencias Humanas. Inst. de Lingüística.
- Messineo, Cristina e Tacconi, Temis 2010. Recursos de formación del léxico en maká (mataguayo): zoonimia y fitonimia, in Messineo, Cristina, Scarpa, Gustavo F, Tola, Florencia Carmen (eds.), *Léxico y categorización etnobiológica en grupos indígenas del Gran Chaco* Santa Rosa: Universidad Nacional de La Pampa. Facultad de Ciencias Humanas. Inst. de Lingüística.
- Saussure, Ferdinand de. 2007. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix.